



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III - CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA**

**CHRISTIAN EDUARDO CAMPOS DA SILVA**

**UMA DAMA E MIL PRODÍGIOS: A SIMBOLOGIA DE MELUSINA NO  
IMAGINÁRIO MEDIEVAL**

**GUARABIRA  
2018**

**CHRISTIAN EDUARDO CAMPOS DA SILVA**

**UMA DAMA E MIL PRODÍGIOS: A SIMBOLOGIA DE MELUSINA NO  
IMAGINÁRIO MEDIEVAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Educação da Universidade Estadual da Paraíba – Campus III – Centro de Humanidades, em cumprimento as exigências necessárias para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Área de concentração: Literatura, gênero e imaginário.

Orientador: Prof. Me. Rafael Francisco Braz

**GUARABIRA  
2018**

S586d Silva, Christian Eduardo Campos da.  
Uma dama e mil prodígios: [manuscrito] : a simbologia de  
Melusina no imaginário medieval / Christian Eduardo Campos  
da Silva. - 2018.  
42 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em  
Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de  
Humanidades, 2018.

"Orientação : Prof. Me. Rafael Francisco Braz,  
Coordenação do Curso de Letras - CH."

1. Melusina. 2. Papel do simbólico. 3. Imaginário.

21. ed. CDD 801.95

CHRISTIAN EDUARDO CAMPOS DA SILVA

UMA DAMA E MIL PRODÍGIOS: A SIMBOLOGIA DE MELUSINA NO IMAGINÁRIO  
MEDIEVAL


Monografia, apresentada ao curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba – Campus III – Centro de Humanidades, em cumprimento as exigências necessárias para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Área de concentração: Literatura, gênero e imaginário.

Aprovada em: 11 de Junho de 2018.

BANCA EXAMINADORA

  
Prof. Ms. Rafael Francisco Braz (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Prof. Ms. Cláudia Mayara de Almeida Vasconcelos  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Prof. Ms. Caio Antônio de Medeiros Nóbrega Nunes Gomes  
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

A minha mãe e as minhas avós [*in memoriam*], que acreditaram e tornaram possível a realização dos meus objetivos DEDICO.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pela dádiva da vida, por nunca me desamparar e pelas pessoas que Ele colocou em meu caminho. Algumas delas me inspiram, me ajudam, me desafiam e me encorajam a ser cada dia melhor. Obrigado por todas as coisas boas e más que me aconteceram, cada uma delas, ao seu modo, possibilitou chegar aonde cheguei e me tornar quem eu sou.

A minha Família, agradeço por todas as orações, palavras de otimismo e por todo axé e luz que a mim vem sendo ofertados, possibilitando-me encontrar forças para não desistir. Agradeço pelo conforto que me faz sentir que nunca estarei só e que serei sempre capaz de tudo por maiores que sejam as dificuldades. A todos estes, quero que saibam que reconheço tudo o que fizeram e fazem por mim, pois sou quem sou porque vocês estiveram e estão sempre ao meu lado.

A minha mãe Elogilda (minha heroína) agradeço por toda a parceria com que me acompanhou em toda essa longa jornada. Obrigado pelas inúmeras noites que me esperou acordada para ouvir, atenta, as novidades que a faculdade proporcionava, obrigado pelas muitas vezes que abdicando de fazer coisas para si, se dedicou a mim, mesmo sem eu pedir nada. Meu amor por ti é inestimável.

As minhas avós [*in memoriam*] Maria Oliveira Lins da Silva (Dona Maria) e Petronila Cordeiro Campos (Dona Teta), por todo o amor, carinho, cuidado, ensinamentos, dedicação e incentivo, embora estejam fisicamente ausentes, posso sentir a presença de vocês ao meu lado, me dando força para continuar lutando e alcançando meus sonhos. Tudo que sou hoje devo a vocês! Essa conquista é nossa!

Aos meus amigos/conselheiros Daniel Pedro de Alcântara Salustiano (Dan) e Valdinea Alves dos Santos Matias (Neia), que de forma especial e carinhosa me deram força e apoio nos momentos de dificuldades, preocupando-se até com os problemas pessoais pelos quais passei durante a construção desse trabalho. Obrigado pela disponibilidade em aceitarem ler minhas produções e por todas as dicas e sugestões durante a elaboração do TCC, eu teria, certamente, muito mais dificuldades sem a ajuda de vocês.

Aos meus amigos/companheiros/guerreiros da saga “*Busão nosso de cada dia*” (Gilvania, Jaqueline, Franciele, Alcielis, Danilo Fernandes, Angélica, Jéssica, Rayssa, Danilo, José Max, Vycória, Mariana e nosso motorista Machado), que juntos superamos diariamente

as adversidades para poder chegar até a UEPB, agradeço a todos os meus amigos que acompanharam minha trajetória e que estiveram ao meu lado (virtual e presencialmente) emanando muita luz, axé e bênçãos para mim e meus familiares.

A todos os meus companheiros do curso de Pedagogia (*turma 2014.2 "noite"*), em especial, a Gilvaneide Laurentino (Gil) por todo o carinho, amor, cuidado, amizade e por abrir as portas de sua casa para mim sempre que era necessário ficar para dormir em Guarabira, por haver aula pela manhã no dia seguinte; a Flaviane Cardoso (Vivi) por todo o carinho, cuidado, amizade e por embarcar nas minhas "loucuras" (rsrs); a Renata, Alicia, Mayara e Edilene (minha equipe de trabalhos) pela amizade, cuidado, incentivo e orações a mim ofertadas. Peço a Deus que continue vos abençoando grandemente, preenchendo seus caminhos com muita luz, paz, axé e bênçãos.

A todos os docentes do curso de Pedagogia, pela convivência harmoniosa, pelas partilhas de conhecimento e pelas experiências que foram tão importantes na minha vida acadêmica, profissional e pessoal.

Em Especial ao meu orientador, mestre e amigo Rafael Francisco Braz, um doutor em ser humano, que me ensinou com suas palavras, reflexões e conversas que dar brilho ao olhar das pessoas é um bom motivo para se fazer ciência. Obrigado pela atenção, dedicação e paciência, e por aceitar orientar-me neste trabalho, indicando caminhos e ensinando a segui-los, obrigado por me inspirar a ser um profissional melhor a cada dia. Rafa, obrigado por me dar a honra e a oportunidade de fazer parte de seu ciclo de amizade, antes mesmo de ser seu aluno. Suas lições vão além dos limites do profissional: conduta, caráter e exemplo. Enfim, gratidão por tudo!

Por fim, agradeço de coração a todos os que aqui foram mencionados e os que não, infelizmente não dá pra falar de todos em particular, no entanto, todos foram importantes para meu percurso.

“[...] Mas para Melusina estava reservada uma sorte diferente [...]: — Todo sábado você vai se transformar em serpente, do umbigo para baixo! [...]”.



Ana Maria Machado, 2000, s/p.

## RESUMO

Há séculos, a literatura tem sido uma tentativa de resgatar as raízes humanas, fato que ganha relevância, especialmente, com o surgimento da lenda, dessa forma, várias das experiências humanas trágicas, dolorosas e sofridas já foram transformadas em expressões literárias. O poder das palavras manifesta-se, assim, na literatura, pois a mesma nos ajuda a organizar a nossa subjetividade, embora essa continue sempre indecifrável. Nessa linha de raciocínio, propomos neste monografia de conclusão de curso, interpretar a simbologia presente na obra *Melusina: dama dos mil prodígios* (2000), da escritora brasileira Ana Maria Machado demonstraremos o papel do simbólico no texto objeto desta pesquisa e sua função na narrativa. Para tanto, nossa fundamentação teórica baseia-se Le Goff (1980; 1999; 2011; 2013). Enquanto para os aspectos do imaginário simbólico Laplatine e Trindade (1997), Chevalier e Gheerbrant (2009), Cirlot (2005), Jung (2000), Bacherlard (2003). A análise mostra que na narrativa de Ana Maria Machado, Melusina não representa o autêntico estereótipo do feminino a todo o momento assume o papel de passividade aos desejos do masculino, sendo sempre dominada pelo homem. Pelo contrário, é ela quem manda e direciona tudo, além do mais, interfere nas decisões de seu esposo, convencendo-o de que se ele sempre ouvi-la permanecerá saindo-se bem nas diversas situações.

**Palavras-chave:** Melusine. Papel do simbólico. Imaginário.

## RÉSUMÉ

Pendant des siècles, la littérature a été une tentative de sauver les racines humaines, un fait qui gagne en pertinence, surtout avec l'émergence de la légende, de sorte que de nombreuses expériences humaines tragiques, douloureuses et souffrantes ont déjà été transformées en expressions littéraires. Le pouvoir des mots se manifeste ainsi dans la littérature, parce qu'il nous aide à organiser notre subjectivité, bien que cela reste toujours indéchiffrable. Dans ce raisonnement, nous proposons dans cette monographie la conclusion du cours, pour interpréter la symbologie actuelle dans l'œuvre *Melusina: Dame des mille prodiges* (2000), de l'écrivaine brésilienne Ana Maria Machado, nous montrerons le rôle du symbolique dans le texte objet de cette recherche et sa fonction dans le récit. À cette fin, notre fondement théorique est basé sur Le Goff (1980, 1999, 2011, 2013). Tandis que pour les aspects de l'imaginaire symbolique Laplatine et Trindade (1997), Chevalier et Gheerbrant (2009), Cirlot (2005), Jung (2000), Bachelard (2003). L'analyse montre que dans le récit d'Ana Maria Machado, Melusina ne représente pas le stéréotype authentique du féminin à tout moment assume le rôle de la passivité aux désirs du masculin, étant toujours dominé par l'homme. Au contraire, c'est elle qui commande et dirige tout, qui d'ailleurs interfère dans les décisions de son mari, le convainc que s'il l'écoute toujours, il continuera à bien faire dans les diverses situations.

**Mots-clés:** Mélusina. Rôle du symbolique. l'imaginaire.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b>	Melusina alimentando secretamente seus filhos.....	27
<b>Figura 2</b>	Raimundim mata acidentalmente seu tio.....	32
<b>Figura 3</b>	Encontro de Raimudim com Melusina, após ter assassinado seu tio acidentalmente.....	32
<b>Figura 4</b>	Casamento de Raimundim e Melusina.....	33
<b>Figura 5</b>	Raimundim, quebrando o acordo (promessa) de não ver a amada aos sábados.....	34
<b>Figura 6</b>	Raimundim arrepende-se de ter quebrado sua promessa e desconfiado de sua amada.....	35
<b>Figura 7</b>	Melusina perdoa seu esposo, e resolve fingir que nada aconteceu.....	35
<b>Figura 8</b>	Gonofredo corta a cabeça de seu irmão Fromonte.....	36
<b>Figura 9</b>	Melusina sai voando em sua forma de serpente alada.....	37

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	ANA MARIA MACHADO: UM PASSEIO EM SEU MUNDO FICCIONAL.....	14
3	ERA UMA VEZ... NO MEDIEVO.....	18
4	O PAPEL DO SIMBÓLICO NA LITERATURA INFANTOJUVENIL.....	22
4.1	O Arquétipo da Mulher Dama/Serpente.....	23
4.2	A Simbologia de Melusina.....	27
5	CONSIDERAÇÕES NÃO FINAIS.....	38
	REFERÊNCIAS.....	41

## 1 INTRODUÇÃO

Há séculos, a literatura tem sido uma tentativa de resgatar as raízes humanas, fato que ganha relevância, especialmente, com o surgimento da lenda, dessa forma, várias das experiências humanas trágicas, dolorosas e sofridas já foram transformadas em expressões literárias. O poder das palavras manifesta-se, assim, na literatura, pois a mesma nos ajuda a organizar a nossa subjetividade, embora essa continue sempre indecifrável.

É nessa descoberta do outro, no encontro com personagens ficcionais, que sentem e passam pelos mesmos problemas e conflitos existenciais, os quais o leitor possa estar enfrentando, que o ser humano busca encontrar meios no sentido de os auxiliarem a refletir sobre suas próprias condições existenciais.

Nessa linha de pensamento, desenvolvemos nossa personalidade baseando-nos naquilo que a sociedade nos impõe e nos faz crer que é a forma mais adequada de ser, de agir, e até mesmo de pensar, pois, quando criança, e neste imaginário infantil encontramos um mundo “pronto”, esforçando-se para entendê-lo e nos encaixamo-nos nele, seguindo um padrão de conduta e de concepções sobre o que é certo e/ou errado.

Na tentativa de sermos aceitos por esta sociedade que predomina sobre o indivíduo, muitas vezes acabamos abafando-se dentro de nós, algumas particularidades a nossa personalidade por serem consideradas como sendo negativas, desta maneira, é extraído de nós o direito de caminhar para a autonomia, para a individuação e para o crescimento pessoal, apenas com a finalidade de equilibrarmos nossa personalidade com as imposições sociais.

Embora, existam diversas pessoas, que apesar de estarem insatisfeitas com essa “educação adaptadora”, arriscam-se a segui-las utilizando-se do velho discurso de que a vida é assim mesmo, visto que fugir dos padrões impostos, no entanto, julgados “padrões normais” pela sociedade, quer dizer que além de estarem lutando por uma auto aceitação, coisa que poucos têm coragem de fazer, remete mudar os modos consigo mesmo e para com os outros.

Na busca pela construção de uma identidade própria, abandonando assim dos “padrões básicos” impostos pela sociedade com relação aos papéis que são dados aos homens e as mulheres, com relação ao modo com que cada um deve ser e agir perante a sociedade, vem sendo uma instigante questão do gênero feminino, ao longo dos séculos até a atualidade. Esta busca acabou desencadeando várias fases no processo de evolução e de representação dos papéis por elas desempenhados e adotados ao longo da história.

A arte da literatura tem, além de outras características que lhe são peculiares, o poder de expressar o real por meio do imaginário, criando imagens, sentimentos e sensações que dão

às palavras uma força inigualável, capazes de exercer uma função político-social ativa e transformadora em nossa sociedade. Tais aspectos, ao serem abordados em estudos de literatura, estendem o domínio dessa arte a outras, servindo de ponte entre distintas áreas, numa cooperação cujos frutos representam o desejo de uma sociedade mais justa, harmônica e humanizada.

O movimento feminista foi à representação da busca pelos direitos e por uma identidade própria, por parte do gênero feminino. Através do movimento feminista e das reivindicações de igualdade entre homens e mulheres e com suas críticas à sociedade patriarcal burguesa, a mulher foi conseguindo, paulatinamente, realizar grandes mudanças nos padrões de conduta social, adquirindo novo status, o que tornou as diferenças entre os sexos cada vez menos perceptíveis, seja no trabalho, seja na vida cotidiana.

Nessa linha de raciocínio, propomos nesta monografia de conclusão de curso (TCC), interpretar a simbologia presente na obra *Melusina: dama dos mil prodígios* (2000), da escritora brasileira Ana Maria Machado, bem como as questões do gênero, a partir de um estudo analítico da referida obra, em torno da personagem feminina Melusina, que é descendente da mais alta linhagem da Escócia, assim, como categoria temática demonstraremos o papel do simbólico no texto objeto desta pesquisa e sua função na narrativa.

Em 2000, é lançada a história da lenda de *Melusina: dama dos mil prodígios*. Obra que a escritora Ana Maria Machado, reescreveu, recontando a belíssima história de sua doce França, país que a abrigou durante seu período de exílio e que foi o local de nascimento de seu filho Pedro. O foco narrativo da lenda retrata a história de um rei que apaixona-se por uma encantadora e misteriosa mulher, e decide então casar-se com ela. O aspecto mais relevante está representando na saga de Melusina para tornar-se humana.

No decorrer da história nota-se que Melusina luta, incansavelmente, para que ninguém descubra seu grande segredo, conseqüentemente, possibilitando mudar seu destino. Possibilitando então viver e morrer normalmente como mulher, quebrando a maldição que fora lançada por sua mãe como punição após ela juntamente com suas irmãs ter aprisionado o pai numa montanha mágica.

Nas obras de Machado, percebe-se um marcante manejo dos signos linguísticos, pois a escritora, mundialmente reconhecida por suas produções literárias, lança para a ficção grande carga de sua própria experiência com a escrita. Isso se dá na medida em que suas obras são, geralmente, configuradas como contadoras de histórias, “vendedoras de palavras”. A escritora

vale-se de sua poética para manifestar os questionamentos ao poder, às relações sociais, à repressão ao exílio, à construção do eu, à magia e ao imaginário, à condição feminina e à diversidade cultural, utilizando-se da exploração do poder representativo das palavras, projetando-se na literatura.

Enfatizamos que sua obra *Melusina: dama dos mil prodígios* (2000) – objeto de análise desta monografia de conclusão de curso, aponta que a protagonista da história é conhecedora do destino de todos aqueles que estão ao seu redor e que, com sua sabedoria, conhecimento e maturidade, revela-se uma mulher admirável e misteriosa. A autora, narra nesse conto medieval francês à história da lenda de Melusina, que é uma mulher/dama que se metamorfoseia em serpente.

Nesse contexto, é que fomos impulsionados para a realização de um estudo das representações da mulher na literatura da escritora brasileira, Ana Maria Machado, com a finalidade de interpretar o significado e imagens arquetípicas (arquétipos, mito e símbolos) em analogia com a imagem do Feminino em sua obra, juntamente, com a genealogia desta mulher.

Pode-se, no entanto, especificar nossos objetivos como: a) evidenciar o papel feminino na obra; b) categorizar as imagens simbólicas, míticas e arquetípicas que exprimem a significação do papel do feminino através dos espaços memória discursiva representadas do imaginário do medievo na obra em estudo (personagem); c) Interpretar as imagens arquetípicas e simbólicas, positivas ou negativas, associadas ao feminino.

Nessa perspectiva, conduzimos a presente pesquisa, buscando inserir nesse contexto de mudanças e com o intuito de promover o despertar do senso crítico, uma análise simbólica a partir da personagem objeto de estudo, surgindo como um impulso de romper com as tradições literárias de vozes masculinas. Sendo está pesquisa de caráter quanti/qualitativa.

Nossa fundamentação passa por uma contextualização da narrativa em seu momento histórico, levando em consideração as teorias sobre o medievo, sob a perspectiva de Jacques Le Goff (1980; 1999; 2011; 2013). Enquanto para os aspectos do imaginário simbólico François Laplatine e Liana Trindade (1997), Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (2009), Jean Eduardo Cirlot (2005), Carl Gustav Jung (2000), Gaston Bachelard (2003), Regina Silva Michelli (2009) e Jean Markale (1993).

Portanto, os focos das análises recaem na representação dos processos interpretativos da lenda e do símbolo na representação de Melusina. Desta forma, para execução desta pesquisa decidimos dividir nosso trabalho em três partes, assim, descritas:

No primeiro capítulo – *Ana Maria Machado: um passeio em seu mundo ficcional* –, apresentamos uma breve biografia da autora situando sua escrita e, também, expomos sua literatura produzida.

No segundo capítulo – *Era uma vez... no Medievo* –, fizemos uma breve contextualização sobre o medievo.

Finalizamos com o terceiro capítulo – *O papel do simbólico na literatura infantojuvenil* –, expondo em uma breve introdução do papel da Literatura e da psicanálise, discorrendo a análise do *corpus* nos aspectos simbólico e arquetípico. Por fim, nossas considerações finais e referências usadas na elaboração desta pesquisa.

Nesta presente pesquisa, buscamos, pois, evidenciar a força e o papel da mulher na lenda de *Melusina: dama dos mil prodígios* da autora Ana Maria Machado, como também, o seu papel representativo da Idade Média. Não buscamos, em momento algum, ressaltar aspectos negativos ou inerentes à obra. Desta maneira, esperamos poder oferecer uma singela contribuição no tocante ao estudo do papel do feminino na sociedade, em especial ao papel de Melusina.



## 2 ANA MARIA MACHADO: UM PASSEIO EM SEU MUNDO FICCIONAL

Para que possamos tratar das questões que norteiam a escrita da Ana Maria Machado, se faz necessário discorrer sobre alguns aspectos importantes da biografia da escritora referente à sua formação humana e profissional.

Conforme apresenta Marisa Lajolo (1983), Ana Maria Machado, nascida em 1941, foi uma criança que teve uma infância feliz, foi criada no meio das fantasias e encantos das letras apresentadas e contadas em forma de histórias por seus avós Ceciliano e Rita, e por amigos, tendo como cenário principal a praia de Manguinhos no Espírito Santo, onde passava longas temporadas de férias.

Jantávamos cedo, à luz do dia. Depois, em volta de uma fogueirinha, ouvíamos e contávamos histórias. Em noite de luar, saíamos para caminhar na praia e fazíamos concursos de quem contava a história mais bonita. Cada adulto tinha sua especialidade. Vovô Ceciliano contava casos de verdade, lembranças riquíssimas de uma vida muito interessante e variada. [...] Vovó Ritinha contava maravilhosas histórias de folclore [...] Tia Dinah tinha um interminável repertório de histórias de três irmãos que saíram pelo mundo em busca de aventuras. [...] Tio Guilherme era folclorista, [...] falando na Nau Catarineta ou em Juliana e no Senhor Dom Jorge. (MACHADO, 1996, p. 15-16).

Com todos esses elementos instigadores, podemos esperar diversas coisas além da revelação de uma grande fada das palavras. No entanto, com toda sua criatividade, não poderia imaginar o longo caminho que percorreria e a pessoa importante que se tornaria no cenário da literatura infantil. Não somente a brasileira, mas mundial.

Meu nome é Ana Maria Machado e eu vivo inventando história. E dessas que eu escrevo, algumas viram livros. Adoro o meu trabalho. Ainda bem, porque acho que não ia conseguir viver se não escrevesse. Já fui professora, já fui jornalista, já fiz programa de rádio, já tive uma livraria e nesse tempo todo nunca parei de escrever. (MACHADO, 2001, p. 1).

De acordo com seu site oficial\*, a escritora Ana Maria Machado, é brasileira, e nasceu em 24 de dezembro de 1941, em Santa Tereza no Rio de Janeiro. Detentora de um currículo extenso: foi jornalista, pintora e professora. Atualmente, é escritora, função que desempenha há mais de quatro décadas, tem mais de 100 livros publicados no Brasil e traduzidos para 26 países, vendendo mais de 20 milhões de exemplares.

Em sua obra *Esta força estranha – trajetória de uma autora* (1996), narra que foi uma menina que aprendeu a ler muito cedo:

---

\* Biografia Ana Maria Machado. In: Site AnaMariaMachado.com. Disponível em: <<http://www.anamariamachado.com/biografia>>. Acesso em: 30/03/2018

Não lembro da alfabetização. Lembro que para a festa de fim de ano, pouco antes de eu fazer cinco anos, Dona Jurema distribuiu um bilhete para gente levar para os pais, e nele dizia a minha mãe que deveria mandar papel crepom de alguma cor que eu não lembro, para fazerem minha fantasia de dália, porque o teatrinho ia ser sobre um jardim e eu fazia papel de flor. Eu li e não gostei, não queria aquela cor, queria amarela e reclamei. Ela levou um susto. Como é que eu sabia o que estava escrito? Ainda mais manuscrito... Recolheu o bilhete e mandou outro, convocando minha mãe para uma conversa no colégio. Mamãe veio e levou outro susto. Também não sabia que eu estava lendo fluente. [...] Mamãe jurou que não tinha culpa. As duas então me testaram e descobriram que eu lia tudo. Moral da história: fui premiada com a fantasia amarela, como eu queria. Em seguida, no meu aniversário de cinco anos, ganhei meu primeiro Almanaque do Tico-Tico e o livro fundador, que marcaria minha vida para sempre, *Reinações de Narizinho*. (MACHADO, 1996, p. 17).

Em sua fala, a escritora ressalta a influência e importância que Monteiro Lobato teve no decorrer de sua formação. Dedicando horas de seu tempo para realizar leituras de livros, em especial das *Reinações de Narizinho* (1931), que era seu preferido. O hábito de praticar a leitura e a escrita, levaram a sua primeira publicação aos 12 anos de idade, com o texto *Arrastão* (1953), o qual foi divulgado na revista *folclore*, que fez a escritora muito feliz e orgulhosa na época por não publicarem sua idade (MACHADO, 2011, p. 1).

Entretanto, a escritora torna-se distinta e singular quando traça sua história apresentando que a leitura e a escrita fizeram parte de sua formação de modo “natural”, prazerosa e alegre sem desvincular a escrita da leitura. No decorrer de sua adolescência, Machado permanece investindo na relação complementar entre a leitura e a escrita, apresentando evolução nessas duas habilidades, conferindo grande atenção a outros autores, que admirava:

A minha adolescência foi repleta de livros, que me proporcionaram grandes prazeres e descobertas. Ficava abismada com o jeito de escrever de grandes autores e cronistas, como Rubem Braga. Na escola, em casa e com meus amigos, estava sempre rodeada de gente que também gostava de curtir a vida tendo livro ao seu lado. (MACHADO, 2001, p. 2).

Machado conhece bem o que deseja defender e, assim como fez com a margem do escritor como leitor, ocupa posições que estão em concordância com o que pretende apresentar: a do escritor formado a partir de situações, experiências, contatos marcados pela tradição e pelo que efetivamente viveu.

Na década de 1980, abandona o jornalismo e empenha-se exclusivamente à elaboração de livros dedicados ao público adulto e infantil. Acontecimento esse que levou a escritora a conquistar diversos prêmios, dentre eles: o Selo de Ouro, pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, em 1980, com *Raul da ferrugem azul* (1979); Prêmio Casa de Iãs Américas (prêmio de reconhecimento no exterior), em Cuba, em 1981, com o livro infantil *De olho nas*

*pernas* (1981); o de Melhor Livro Nacional do Ano, com *Bisa Bia, Bisa Bel* (1981), em 1982; Livro Altamente Recomendável, pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, com *Alguns medos e seus segredos* (1984), em 1984; Prêmio APPLE, pelo Instituto Jean Piaget, na Suíça, em 1988, com *Palavras, palavrinhas e palavrões* (1986); e Lista de Honra, pela IBBY, em 1982, também com *Bisa Bia, Bisa Bel*.

A escritora passou a ter seus livros traduzidos no exterior, iniciando em países escandinavos e, seguindo até os europeus: França, Alemanha e Espanha. Levando a receber vários convites para ministrar palestras, cursos e seminários para os professores referentes à importância da leitura.

Machado traçou seu projeto político-ideológico a partir das temáticas que aborda. Dentre eles estão: o questionamento ao poder, às relações sociais, à brincadeira e o jogo, à solidariedade e a amizade, à liberdade e escravidão, à repressão e o exílio, à busca pelo crescimento pessoal e à construção do eu, à magia e o imaginário, ao cotidiano e as relações familiares, ao mistério, ao amor, à condição feminina e à diversidade cultural. Outra marca muito forte nas obras de Ana Maria Machado é a sensibilidade que, segundo ela, legitima a fala dos silenciados, através da cultura oficial, dos excluídos e dos marginalizados.

Além disso, compõe seu projeto a frequência insistente do tema leitura e escrita, o emprego de múltiplos recursos linguísticos, a versatilidade da linguagem literária e a humanização do leitor, pautados no profundo respeito que demonstra ter pela criança e pelo jovem. Machado retoma, assim como seu mestre Monteiro Lobato, personagens conhecidos do leitor, partindo de suas próprias referências culturais, renovando-os e enriquecendo-os ao dar nova vida a eles, uma vez que os reinventa.

No final de 1989, recebeu um convite para trabalhar na BBC de Londres, onde permaneceu por oito meses, concluindo seu romance *Canteiros de Saturno* (1991). Prosseguiu escrevendo e passou a conquistar vários prêmios. Dentre as diversas premiações temos três Jabutis, Medalha Hans Christian Andersen, maior prêmio da literatura infantojuvenil mundial (2000), o Príncipe Claus, em Holanda, o Ibero-americano SM de Literatura Infantojuvenil, em 2012, Prêmio Bienal de SP, João de Barros, O Melhor para o Jovem, Otavio de Faria, menções no APPLE (*Association Por la Promotion Du Livre pour Enfants*), Instituto Jean Piaget, em Genebra e *Americas Award*, nos Estados Unidos.

Em 2003, torna-se a primeira autora com significativa obra voltada para o público infantil eleita pela Academia Brasileira de Letras para ocupar a cadeira de número 1,

substituindo o Dr. Evandro Lins e Silva. Durante o biênio 2012-2013 foi presidente da Academia Brasileira de Letras, sendo a segunda mulher na história a ocupar o cargo.

Como é possível notar em todos seus ensaios e também a partir de sua fala em *Essa força estranha: trajetória de uma autora* (1996), Machado, afirma que:

Ser leitora e escritora é uma escolha ligada ao intenso prazer intelectual que essas atividades me dão. Escrevo porque gosto da língua portuguesa, gosto de histórias e conversas, gosto de gente com opiniões e experiências diferentes, gosto de outras vidas, outras ideias, outras emoções, gosto de pensar e de imaginar. Em todo esse processo, a leitura foi fundamental. E, seguramente, eu teria lido muito menos, se não estivesse sempre cercada de pessoas que falavam com entusiasmo de livros e autores. Eram eles que despertavam minha curiosidade e me faziam correr atrás das sugestões, em geral encontradas nas estantes da livraria Ler (onde eu tinha conta e pagava a prazo), de propriedade do Jorge Zahar, modelo de livreiro, editor e de ser humano. (MACHADO, 1996, p. 44).

Em sua obra *Melusina, dama dos mil prodígios* (2000), Machado resgata a história lida no *Livro das Horas (1410)* do Duque de Berry. No prefácio de seu livro, descreve a “Minha história desta história”, mencionando seu contato com a obra medieval do Duque, obra esta que a autora considerava como uma obra fascinante, cheia de “pergaminhos recobertos de iluminuras inesquecíveis”.

Ao estudar literatura francesa, a escritora encanta-se com os romances medievais, com os cavaleiros: seu código de honra, seus amores impossíveis, suas fadas e feiticeiras. Melusina foi uma das suas paixões, afirmando também que a personagem posteriormente seria resgatada por Marie de France (uma das primeiras escritoras que a história registra).

Ao descobrir que o Duque de Berry cogitou que poderia ser descendente de Melusina, e que ordenou que fosse escrita a lenda dela, Machado realizou uma busca pelo texto que, em seguida, reescreveu, recontando a belíssima história da doce França, país que lhe abrigou no período de seu exílio e o lugar onde seu filho Pedro nasceu.

Considerando as informações acerca dessa escritora, que se apresenta em suas obras autobiográficas com bastante rigor e cuidado, percebemos que Machado posiciona-se discursivamente a partir da opção que considera importante para compreender quem é hoje. Porém, é importante ressaltar que a escritora ocupa várias posições através das relações que a ligam ao outro.

### 3 ERA UMA VEZ... NO MEDIEVO

A Idade Média foi um período da história que se estendeu do século V ao século XV, de modo que esse período foi fragmentado em duas partes: Alta e Baixa Idade Média. O período medieval é tratado de forma divergente entre os historiadores, pois uns falam que foi um “período de trevas”, uma vez que não houve avanços consideráveis do saber e da arte.

Considerando este período como uma fase de transição, uma época de dificuldades e inseguranças para toda a Europa ocidental, ainda assim, vale lembrar que o mesmo foi essencial para o nascimento da civilização moderna, com suas novas ideias e princípios que acabaram mudando o mundo.

A Literatura Medieval, inicialmente foi marcada pela utilização do *latim*, por temas religiosos, históricos e amorosos. Vale salientar que, o acesso à leitura era restrito apenas aos membros da Igreja e alguns nobres, logo, a Igreja detinha de grande influência e poder sobre a vida das pessoas. Esse fator foi determinante para que a arte medieval estivesse voltada para a educação das pessoas, mesmo com a manipulação por parte da igreja católica, ainda assim, foi possível encontrar nesse período uma expressiva manifestação cultural.

Entretanto, as características expostas nos textos mudam de acordo com o país e a época em que o texto foi escrito, expondo assim uma grande diferença entre textos produzidos no início e no fim da Idade Média. Em meio às manifestações literárias destacam-se o trovadorismo, as novelas de cavalaria, as poesias satíricas dos goliardos<sup>†</sup>, as poesias palacianas<sup>‡</sup> e os contos de fadas medievais.

Os Contos de Fadas são curtas histórias de tradição oral, do inconsciente coletivo, que fazem parte da imaginação e da memória popular há milhares de anos. Essas histórias eram transmitidas oralmente a vários povos através dos tempos, dificultando assim ser preciso quanto a sua origem.

De acordo com Nelly Novaes Coelho (1987), os primeiros registros dos contos de fadas foram os egípcios que fizeram, por volta de aproximadamente 4.000 anos a.C., com o “*Livro do Mágico*”, e o registro material dos contos de fadas começou no século VII, com a transcrição do poema épico anglo-saxão *Beowulf*.

---

<sup>†</sup> Na Idade Média eram clérigos pobres, egressos das universidades. Desamparados pela Igreja tornavam-se itinerantes (clerici vagantes), vagabundos, de espírito transgressivo e provocador. (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Goliardo>)

<sup>‡</sup> É o nome dado para as poesias que eram produzidas em palácios pelos nobres. Destinada também ao público nobre, esse tipo de poesia foi recolhida por Garcia Resende, no Cancioneiro Geral e impresso em 880 composições no ano de 1516. (<https://www.estudopratico.com.br/poesia-palaciana/>)

No século IX ocorre o surgimento das fadas, no livro manuscrito de escrita galesa chamado de *Mabinogion*. No início, os contos de fadas não possuíam uma escrita direcionada ao público infantil, uma vez que, nessa época não existia a ideia de infância, logo, a criança era vista como um adulto em miniatura.

As narrativas que existiam nesse período não eram destinadas a um público diferenciado, o que existia era apenas um público cansado da labuta diária, e que se aglomeravam para ouvir as narrações que os possibilitassem fantasiar para que assim pudessem esquecer o cansaço do dia a dia.

No século XVII, na França, dá-se início a elaboração de uma literatura voltada para o público infantil, a qual só foi possível por meio de Charles Perrault, com a publicação dos oito Contos da mãe Gansa, onde pela primeira vez foram publicados *A Bela Adormecida no bosque*, *Chapeuzinho Vermelho*, *O barba Azul*, *O gato de Botas*, *A gata Borracheira*, *Henrique do Topete* e *O pequeno Polegar*.

Posteriormente, escritores como os irmãos Grimm no século XVIII, na Alemanha, Hans Christian Andersen no século XIX, na Dinamarca e a Walt Disney no século XX, na América, redescobrem o mundo maravilhoso da fantasia e publicam diversas narrativas que foram reinventadas, adaptadas e transformadas em literatura infantil, como mostra Coelho (1987). Esses escritores conseguiram através de compilações das narrativas orais, traduzirem os restos culturais folclóricos de um tempo e de uma tradição para o livro.

Coelho (1987) ainda afirma que a fantasia básica presente nos contos de fadas expressa as barreiras ou provas que precisam ser vencidas, como um verdadeiro ritual iniciático, para que o herói alcance sua autorrealização. Partindo de uma dificuldade ligada à realidade e seu desenvolvimento a uma busca de soluções, no plano da fantasia, com a introdução de elementos mágicos. A restauração da ordem acontece no desfecho da narrativa, quando há uma volta ao real.

A história de Melusina<sup>§</sup> origina-se a partir das lendas e do folclore europeu. A história da personagem possui diversas narrativas, no entanto, todas as narrativas possuem o mesmo enredo que, resumidamente, narram o encontro entre um humano com um ser sobrenatural.

---

<sup>§</sup> Espírito feminino das águas doces, dos rios e das fontes sagradas. Ela é geralmente representada como uma mulher que se transforma em serpente da cintura para baixo. Algumas vezes, é também representada com asas, duas caudas e, por vezes, mencionada como sendo uma nixie. Para Durand (1997, p.317), *o motivo das asas vem complementar o malefismo ofídico agravado pela propaganda cristã medieval*. Melusina é, às vezes, utilizada como figura heráldica, tipicamente em brasões de arma no Sacro Império Romano-Germânico e na Escandinávia, onde apóia a cauda escamosa em um dos braços. Ela pode aparecer coroada. O brasão de armas de Varsóvia apresenta uma imagem muito semelhante a uma representação de Melusina, brandindo uma espada e escudo. Ela é o espírito das águas do Vístula que identificou para Borelaus de Masovia, o sítio apropriado para uma cidade em fins do século XIII (RIBEIRO, 2017, p. 124).



Onde ambos apaixonam-se, e a mulher misteriosa (ser sobrenatural) acompanha o seu amado no mundo dos “mortais” como sua esposa.

Entretanto, para que ela aceite casar-se com ele, a seguinte condição terá que ser respeitada: “nunca poderá ser vista aos sábados”. Se por ventura o “acordo” venha a ser quebrado, o ser sobrenatural retornará para o seu mundo, deixando sua descendência. De acordo com Pierre Brunel (2005, p. 628) *a composição da história está dividida em três momentos: primeiro, ocorre o encontro do mortal com a fada (ser sobrenatural); em seguida, firmam o pacto; e posteriormente, ocorre a quebra desse pacto.*

O historiador e medievalista Jacques Le Goff (1980, p. 289-310) salienta a existência de diversas histórias que se aproximam do enredo existentes nos contos melusianos, cujo ponto de ligação entre todas elas é a aproximação entre um nobre (rei) e uma mulher sobrenatural (fada), que proporcionaria honrarias, glórias e descendência ao nobre, alegando a continuidade de sua linhagem. Geralmente são mitos de fundação, os quais revelam a origem de uma família. Em seu livro intitulado *Para um novo conceito de Idade Média (1980)*, Le Goff registra as narrativas existentes sobre Melusina.

A versão literária mais famosa dos contos de Melusina é a de Jean d’Arras, compilada aproximadamente no período de 1382 a 1394, a qual foi elaborada em uma coleção de “histórias inventadas” pelas damas enquanto teciam. Em 1456, o conto foi traduzido por Thüring von Ringoltingen para o alemão, e essa versão tornou-se popular como conto de fada. Em seguida, foi traduzido para o inglês (cerca de 1500), e constantemente reimpresso nos séculos XV e XVI. Existe também uma versão do conto em prosa intitulada de *Chronique de la princesse* (Crônica da princesa).

No universo fantástico e maravilhoso da Literatura Infantojuvenil surge então Melusina, “heroína” ambivalente, personalidade associada diversas vezes a feitos benéficos e maléficos. Melusina caminha entre o bem e o mal, pois, além de retomar as cerimônias pagãs associadas à riqueza e à fecundidade, é a mulher-serpente banida pela cultura cristã, que a imagina sob o aspecto do demoníaco.

De acordo com Regina Silva Michelli (2009, p. 01), *“Melusina é uma figura simbólica do feminino e caracteriza uma ligação primordial por meio de sua afinidade com um elemento primitivo, principalmente animal”*. A autora realiza alguns apontamentos a cerca dos registros de narrativas sobre esta protagonista que remontam, em Portugal, nos relatos de linhagens medievais, narrativa que mais tarde veio a ser reescrita por Alexandre Herculano no conto *A Dama Pé-de-Cabra*. Encontra-se também *A Nobre História de Lusignan* ou *O Livro*

(ou *O Romance*) de *Melusina em Prosa*, a qual veio a ser escrita por Jean d'Arras atendendo a solicitação do Duque de Berry e sua irmã, e *O Romance de Lusignan ou de Partheneyou Melusina*, que veio a ser concluída por Couldrette, no período de 1401 e 1405.

Na contemporaneidade, encontramos duas escritoras brasileiras que reescrevem a lenda de Melusina que são elas: Ana Maria Machado (2000), que narra a sua maneira a história original em seu livro *Melusina: dama dos mil prodígios*, que no decorrer deste trabalho estaremos analisando detalhadamente, e Marina Colasanti (2005), que por sua vez apresenta a lenda em seu conto *Bela, das brancas mãos* que está presente em sua obra intitulada de *Longe como o meu querer*, do mesmo modo que ainda podemos encontrar o conto *Debaixo da pele, a lua*.



#### 4 O PAPEL DO SIMBÓLICO NA LITERATURA INFANTOJUVENIL

De acordo com François Laplantine e Liana Trindade (1997, p. 14): “[...] *O símbolo é um sistema que não substitui qualquer sentido, mas pode efetivamente conter uma pluralidade*”, os autores argumentam que, o símbolo é sempre algo que representa outra coisa. E designa um tipo de signo em que a realidade concreta (significante) representa algo abstrato (nações, religiões, etc.). É um elemento fundamental para o processo de comunicação.

Embora existam símbolos que são reconhecidos mundialmente, outros só são compreendidos dentro de um determinado grupo ou contexto (cultural, religioso, etc.). Intensificando a relação com o transcendente, podendo estar relacionado fisicamente com o objeto ou ideia que representa.

A mente humana é uma grande fábrica de “imagens”, que de acordo com Laplantine e Trindade (1997),

São construções baseadas nas informações obtidas pelas experiências visuais anteriores. Nós produzimos imagens porque as informações envolvidas em nosso pensamento são sempre de natureza perceptiva. Imagens não são coisas concretas, mas são criadas como parte do ato de pensar. Assim a imagem que temos de um objeto não é o próprio objeto, mas uma faceta do que nós sabemos sobre esse objeto externo. (LAPLATINE; TRINDADE, 1997, p. 10).

A partir de nossas experiências construímos elementos que produzem infinitas imagens, como construção do universo mental, as imagens se transformam e se colocam em constante movimento. Imagens são as representações das ideias, traduzidas em conceitos sobre a coisa exterior dada. Produzimos imagens em virtude da natureza particularmente perceptiva das informações incluídas em nosso processo de pensamento.

Ainda segundo Laplantine e Trindade (1997), existe uma diferença entre o símbolo e a imagem, de modo que:

Tanto a imagem como o símbolo constituem representações. Essas não significam substituições puras dos objetos apresentados na percepção, mas são, antes, rerepresentações, ou seja, a apresentação do objeto percebido de outra forma, atribuindo-lhe significados diferentes, mas sempre limitados pelo próprio objeto que é dado a perceber. É necessário examinar a natureza mesma da relação social na qual a representação, como imagem ou símbolo irá atuar. (LAPLATINE; TRINDADE, 1997, p. 13-14).

Enquanto, o símbolo possui mais de um significado, tendo diversas funções e possibilidade de uso, possibilitando assim mobilizar os comportamentos sociais e repletos de

sentidos afetivos. O imaginário é uma herança universal, que faz parte do campo das representações, no entanto, não é uma instância reprodutora ou uma transposição de imagens.

É possível compreender o imaginário como mobilizador e evocador de imagens que fazem utilização do simbólico para existir e expressar-se. O simbólico, por sua vez, dá a entender a capacidade imaginária. Em outras palavras, o imaginário possui a capacidade de revelar uma imagem e/ou uma relação que não são diretamente dadas pela percepção.

Ainda assim, símbolos e imagens possuem conceitos distintos, porém ambos estabelecem concepções que não correspondem à pura substituição do objeto, nem sua reprodução, mas antes sua reapresentação, ou seja, é a apresentação, de uma nova forma, com relação ao objeto percebido, possibilitando agregar novos significados, de acordo com a relação social aonde atua tal representação.

#### 4.1 O arquétipo da Mulher Dama/Serpente

O termo arquétipo foi utilizado pelo psicólogo Carl Gustav Jung, pela primeira vez em 1919, em Londres no simpósio intitulado *Instinto e Inconsciente*. Antes da utilização da expressão por Jung, a filosofia já conhecia o arquétipo, suas origens, remontando até Platão\*\*. A relação histórica com o Platonismo deu origem a um preconceito em relação à concepção arquetípica apresentada por Jung.

Jung (1993), em seu livro *O homem e seus símbolos*, apresenta a seguinte definição de arquétipo:

O arquétipo é uma tendência para formar estas mesmas representações de um motivo — representações que podem ter inúmeras variações de detalhes — sem perder a sua configuração original. Existem, por exemplo, muitas representações do motivo irmãos inimigos, mas o motivo em si conserva-se o mesmo. Meus críticos supuseram, erradamente, que eu desejava referir-me a "representações herdadas" e, em consequência, rejeitaram a ideia do arquétipo como se fosse apenas uma superstição. Não levaram em conta o fato de que se os arquétipos fossem representações originadas em nossa consciência (ou adquiridas por ela) nós certamente os compreenderíamos, em lugar de nos confundirmos e espantarmos

---

\*\* Embora já não seja tão necessária atualmente uma discussão ampla sobre o conceito de arquétipo, não me parece, porém dispensável fazer algumas observações preliminares a respeito do mesmo. Em épocas passadas apesar de existirem opiniões discordantes e tendências de pensamento aristotélicas não se achava demasiado difícil compreender o pensamento de Platão, de que a ideia é preexistente e supra ordenada aos fenômenos em geral. "Arquétipo" nada mais é do que uma expressão já existente na Antiguidade, sinônimo de "ideia" no sentido platônico. Por exemplo, quando Deus é designado por το αρχαιον φως ' no Corpus Hermeticum, provavelmente datado do século HI, expressa-se com isso a ideia de que ele é preexistente ao fenômeno "luz" e imagem primordial supra ordenada a toda espécie de luz. Se eu fosse um filósofo daria prosseguimento ao argumento platônico segundo minha hipótese, dizendo: em algum lugar, "em um lugar ceJeste" existe uma imagem primordial da mãe, preexistente e supra ordenada a todo fenômeno do "maternal" (no mais amplo sentido desta palavra) (JUNG, 2000, p. 87).

quando se apresentam. O arquétipo é, na realidade, uma tendência instintiva, tão marcada como o impulso das aves para fazer seu ninho ou o das formigas para se organizarem em colônias. (JUNG, 1993, p. 67, 69).

Jung descreve o arquétipo bem como um agrupamento de figuras psíquicas existentes no inconsciente coletivo, o que equivale ao fragmento mais profundo do inconsciente humano. Os arquétipos são passados de acordo com a genética dos ancestrais de um grupo de civilização, etnia ou povo.

Apesar de não serem memórias coesas e concretas no contexto ou na definição tradicional de memória, entretanto, são um grupo de informações do subconsciente que impulsionam o ser humano a confiar ou passar a acreditar em determinados tipos de comportamento. Os arquétipos representam um conjunto de crenças e valores comportamentais básicos do ser humano, bem como podem se apresentar nas convicções religiosas, mitológicas e/ou no comportamento inconsciente do indivíduo. A serpente, de acordo com Gaston Bachelard (2003),

É um dos arquétipos mais importantes da alma humana. É o mais *terrestre* dos animais. É realmente a raiz animalizada e, na ordem das imagens, o traço de união entre o reino vegetal e o reino animal. [...] A serpente dorme embaixo da terra, na sombra, no mundo escuro. Sai da terra pela menor fissura, entre duas pedras. Toma a entrar com uma rapidez assombrosa. [...] A serpente é, em nós, um símbolo motor, um ser que não tem “nadadeiras, nem pés, nem asas”, um ser que não confiou suas capacidades motoras a órgãos externos, a meios artificiais, mas que se fez o móvel íntimo de todo o seu movimento. (BACHELARD, 2003, p. 202-203).

Em meio aos símbolos primordiais, é perceptível que a serpente é o que vigorosamente interrompe totalmente toda uma complexidade de arquétipos. De acordo com Paulo Urban (2006), a serpente, “*presente em todas as culturas [...] espalhadas pelos cinco continentes, sua imagem mitológica [...] associada que está, antes de tudo, à essência primordial da natureza, à fonte original de vida, ao princípio organizador do Caos, anterior à própria Criação*”.

Conforme é apresentado por Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (2009), os autores afirmam que:

[...] A serpente visível é uma hierofania do sagrado natural, não espiritual, mas maternal. [...] Rápida como o relâmpago, a serpente visível sempre surge de uma **abertura** escura, fenda ou rachadura, para cuspir morte ou vida antes de retornar ao invisível. Ou então abandona os ímpetus masculinos para fazer-se feminina: enrosca-se, beija, abraça, sufoca, engole, digere e dorme. [...] Ela é enigmática, secreta; é impossível prever-lhe as decisões, que são tão súbitas quanto as suas metamorfoses. Ela brinca com os sexos como com os opostos; é fêmea e macho; *gêmea em si mesma*, como tantos deuses criadores que em suas primeiras representações sempre aparecem como serpentes cósmicas. A serpente não apresenta, portanto, um arquétipo, mas um complexo de arquétipos ligados à noite

fria pegajosa e subterrânea das origens. [...] No plano humano, é o símbolo duplo da **alma** e da **libido**. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, p. 815).

Conforme apresentado por Rosane Cardoso (2006):

Para Le Goff (2013, p. 414), “Melusina é a serpente vitima e enternecedora, símbolo do desejo cedo de humanidade a qualquer preço, destruindo a própria felicidade por não saber assumir os limites do inconsciente, da sombra e do desconhecido, conflitos que deve responder também para Raimundo, que, pouco antes de conhecê-la, mata seu tio por acidente e vaga apavorado e cheio de remorso pela floresta. Esse é o momento em que encontra a futura esposa, que lhe traz segurança, felicidade e nove filhos fortes e saudáveis, apesar de animalizados, marca da sina dos pais”<sup>††</sup>. (CARDOSO, 2006, p. 45).

Eis então o motivo pelo qual Melusina é obrigada a abandonar seu esposo aos sábados, para despojar-se de sua aparência humana, passando a adotar sua forma de serpente, a manifestação animal da vida eterna:

— Todo sábado você vai se transformar em serpente, do umbigo para baixo! Mas se, andando por outros reinos, você encontrar um homem que se case com você e prometa nunca vê-la aos sábados, se nem ele nem ninguém jamais descobrir esse encantamento, então você poderá viver e morrer normalmente como mulher. De qualquer modo, nascerá de você uma linhagem importante, que cumprirá grandes proezas. (MACHADO, 2000, s/p).

De acordo com Le Goff (2011, p. 414), “[...] condenada por um pecado cometido a sofrer eternamente no corpo de uma serpente, procura a união com um homem, o único suscetível de arrancá-la da sua eternidade infeliz, de permitir a ela morrer de morte natural e de gozar em seguida de outra vida feliz”.

Independentemente do encantamento (maldição) que pesa sobre ela, Melusina não é um ser maligno, a maior prova é a prosperidade que ela proporciona à casa dos Lusignan. Além do mais, a heroína abraça com entusiasmo o cristianismo, e passa a ser abençoada com a fertilidade.

De tal modo que, ela não concebe apenas filhos, mas também vida animal e sobrenatural e, por essa razão, caracteriza-se como um tipo de mãe primordial, fonte de toda a vida. A anomalia de sua poderosa prole remete-nos a outras mulheres-serpentes as quais eram igualmente férteis, assim como Equidna<sup>††</sup> e Lilith<sup>§§</sup>.

<sup>††</sup> Urian, o primogênito, por exemplo, “é em tudo bem formado, salvo por ter o rosto curto e largo, um olho vermelho e outro azul-verde e orelhas imensas” (LE GOFF, 1993, p. 54). Todos os filhos de Melusina possuem uma marca animalesca. Antônio é coberto por pelos e possui longas garras; Goldofredo, o dentuço, possui presas como um javali. Todos possuem em sua aparência traços que reflete aos animais, fadas e seres mitológicos. Vale ressaltar que a semelhança entre Goldofredo e a *lenda de Henno dos Dentes Grandes*.

<sup>††</sup> Em grego Ékhidna, do mesmo grupo etimológico de Ékhis, que significa “víbora”, é um monstro demoníaco com corpo de mulher e cauda de serpente. De acordo com Hesíodo, Equidna era uma ninfa imortal filha de Fórcis e Ceto. Metade ninfa com olhos brilhantes e face clara e outra metade uma gigantesca serpente, grande e terrível, com a pele manchada. Comendo restos de carne, esconde-se em um buraco localizado em partes secretas da terra, dentro de uma caverna muito profunda. Equidna gerou com Tifon os mais temidos monstros da

De acordo com Jean Markale (1993, p. 11), “a partir desse esquema mitológico, Melusina revela outros elementos que são representativos de um determinado estado de espírito e de crenças específicas”. Conforme argumentado pelo autor, a complexidade existente em Melusina é formada por diversos elementos do inconsciente, assim o esquema é um arquétipo, no sentido junguiano do termo.

No entanto, todos esses aspectos que estão ligados a essa mulher-serpente, fada, deusa-mãe – mostra o enigma de suas aparições, seu retorno à noite para dedicar-se aos parentes e chorar os falecidos, o mito totêmico, a Melusina mensageira e portadora de algum milagre, ou sendo ela o próprio milagre a resguardar os seus descendentes.

O totem<sup>\*\*\*</sup> manifesta-se para o indivíduo por meio de uma visão durante um rito de passagem, simbolizando um ser revestido de um caráter sagrado, ligação com as forças suprarrealismo de conservação.

Ainda que a noiva-animal possa estar hibridizada com diversos animais, Melusina tem parte com a serpente e, assim, cumprindo o encargo da ambiguidade dessa besta cantada e decantada pela maldição cristã. A serpente é, provavelmente, o animal ao qual provoca mais interpretações nos bestiários medievais, seja ela em sua forma mais conhecida, seja por suas extensões, como o dragão e o basilisco<sup>†††</sup>. Segundo Cardoso (2006):

Para a antiguidade mitológica, a serpente é a grande deusa das trevas, que esteve presente no início de todas as coisas. Ser ao qual a força da natureza encarna-se, por meio da cólera da terra, da fúria dos oceanos e através do desencadeamento de tempestades. Feminina e masculina, ctônica<sup>†††</sup> ou cósmica, a serpente provoca suas

---

mitologia grega: Cérbero, Hidra de Lerna, Leão de Neméia, Quimera e Esfinge. Equidna e suas crias possuíam uma natureza terrível e costumavam devorar viajantes inocentes. Um dia, enquanto dormia, foi surpreendida por Argos Panoptes, o monstro de cem olhos, que a matou a pedido de Hera (RIBEIRO, 2017, p. 65).

<sup>§§</sup> De acordo com a Torah assírio-babilônica, o Zohar e o Talmude (livro dos Hebreus), Lilith (ou Lilit) é um espírito demoníaco feminino, associado à noite. Conhecida também como a Serpente do Mar Vermelho, seu nome Lilith vem, provavelmente, da Suméria e significa “aquela que se apoderou da Luz”. Originalmente, Lilith tinha um só aspecto, “a terrível Deusa-Mãe”. No desenrolar da evolução do mito, ela conservou dois aspectos singulares: de súcubo, que tenta seduzir todos os homens para a destruição, e de Mãe Terrível que devora crianças e prejudica as mulheres grávidas. Estes dois aspectos de Lilith são encontrados nas escrituras babilônicas como personificações de Camaschtu e Ishtar (ibidem, p. 112).

<sup>\*\*\*</sup> Significa o símbolo sagrado adotado como emblema por tribos ou clãs por considerarem como seus ancestrais e protetores. O totem costuma ser um poste ou coluna e pode ser representado por um animal, uma planta ou outro objeto.

<sup>†††</sup> Também conhecido como *King of Serpents*, é uma cobra verde-vivo que pode alcançar quinze metros de comprimento. O macho tem uma pluma vermelha na cabeça. Suas presas são excepcionalmente venenosas, mas seu órgão de ataque mais poderoso são os grandes olhos amarelos. A pessoa que o encara sofre morte instantânea. O primeiro basilisco de que se tem notícia foi criado por Herpo, o Sujo, um bruxo ofidiglota das trevas, de nacionalidade grega. Após muitas experiências, ele conseguiu um ovo de galinha chocado por um sapo, nascendo então uma cobra gigantesca dotada de poderes extraordinariamente perigosos. (RIBEIRO, 2017, p. 31).

<sup>†††</sup> Em mitologia, e particularmente na grega, o termo ctônico ou ctônico (do grego κθονιος khthonios, "relativo à terra", "terreno") designa ou refere-se aos deuses ou espíritos do mundo subterrâneo, por oposição às divindades olímpicas. Por vezes são também denominados "telúricos" (do latim tellus).

próprias impossibilidades, expressando, ao mesmo tempo a primordialidade e o caos. (CARDOSO, 2006, p.47-48).



**Figura 1** – Melusina alimentando secretamente seus filhos.

**Fonte:** Rui de Oliveira. Disponível em: <<http://ruideoliveira.blogspot.ca/>>. Acesso: 30/04/2018

A serpente, no mundo cristão simboliza a conexão com a malignidade, sem deixar de significar a grandeza do Senhor, pois leviatã<sup>§§§</sup>, a grande serpente, personifica o caos submetido à força divina. A serpente que rasteja ondulante como o mar, sibila como o vento, enlaça suas vítimas como algumas plantas vivem no bosque, na água, no deserto, no mar, nos lagos, nos poços e nas fontes. Representa, ao mesmo tempo, o masculino – pelo falo – e o feminino mestre das mulheres e da fecundidade, pois a menstruação resulta de sua mordida.

#### 4.2 A simbologia de Melusina

A narrativa de Ana Maria Machado, intitulada de *Melusina: dama dos mil prodígios*, trata de um rei que se apaixona por uma encantadora mulher e então decide se casar com ela. Os dois têm três filhas e uma delas é Melusina. Quando as meninas crescem são mandadas para reinos distantes e cada uma vai viver a sua vida. Com o passar do tempo, Melusina já está prestes a casar, mas só o faz se o seu pretendente cumprir a promessa de nunca vê-la aos sábados.

<sup>§§§</sup> Serpente, demônio marinho, de grandes proporções, construída pelo imaginário dos navegantes europeus da Idade Moderna. No Antigo Testamento, a imagem do Leviatã é retratada pela primeira vez numa breve passagem do Livro de Jó 40. Essa criatura foi considerada pela Igreja Católica, durante a Idade Média, como o demônio representante do quinto pecado, a Inveja, e como um dos sete príncipes infernais. (ibidem, p. 111).



A promessa é cumprida durante muitos anos, até que um dia as intrigas de determinado parente leva o esposo à desconfiança. Melusina então descobre que foi traída e que o seu segredo de se transformar em serpente todos os sábados fora violado, mesmo assim, pelo amor que dedica ao marino, resolve permanecer no castelo. Porém, tempos depois, frente a uma grande discussão, seu esposo levanta calúnias terríveis contra ela, fazendo-a esmorecer. Desde esse dia, Melusina não permaneceu mais nas terras que tanto gerou fartura, prodígios e maravilhas.

Os símbolos que aparecem ao longo da narrativa confirmam uma significação singular referente ao feminino. Apresentaremos alguns desses símbolos:

Um dia, quando caçava por uma floresta linda e densa na beira do mar, começou a sentir muita sede. Lembrou que havia uma fonte ali por perto e foi em busca de água. Ao se aproximar, ouviu uma voz melodiosa, cantando uma canção comoventemente. Achou que só podia ser um anjo. Mas era tão doce, que ele percebeu que devia ser uma mulher. Saltou do cavalo e, pé ante pé, para não assustar a dona da voz, foi chegando devagarzinho perto da fonte. Era a mais bela dama que seus olhos já tinham visto. Ele ficou deslumbrado com tanta beleza e hipnotizado por aquele canto tão doce e melodioso que jamais uma sereia, fada ou ninfa poderia ter cantado assim. (MACHADO, 2000, s/p).

O símbolo da floresta, de acordo com Cirlot (2005),

Dentro do simbolismo geral da paisagem, a floresta ocupa um lugar muito característico, aparecendo com grande frequência em mitos, lendas e contos folclóricos. Sua complexidade, como a de outros símbolos, redonda nos diversos planos de significado, que parecem todos corresponder ao princípio materno e feminino. Como lugar onde floresce abundante a vida vegetal, não dominada nem cultivada, e que oculta a luz do sol, torna-se potência contraposta a este e símbolo da terra. [...] Dada a assimilação do princípio feminino e o inconsciente, é óbvio que a floresta tem um sentido correlato. Por isto, Jung pode afirmar que os terrores da floresta, tão frequentes nos contos infantis, simbolizam o aspecto perigoso do inconsciente, quer dizer, sua natureza devoradora e ocultante (da razão). (CIRLOT, 2005, p. 257).

Para Chevalier e Gheerbrant (2009), a floresta é,

Em diversas regiões, e principalmente entre os celtas, a floresta constituía um verdadeiro **santuário** em estado natural: exemplos disso eram as florestas de Brocéliande (na Bretanha; hoje chamada *Floresta de Paimpoint*) e a de Dodona, entre os gregos. Na Índia, os **sannyasa** fazem seus retiros nas florestas, tal como os ascetas búdicos: *As florestas são tranquilas, lê-se no Dham-mapada, desde que o mundo se mantenha longe delas; nas florestas, o santo encontra seu repouso\**. [...] A floresta, que constitui verdadeiramente a *cabeleira* da montanha, proporciona-lhe também o poder, pois permite-lhe provocar a chuva, ou seja, os benefícios do Céu – em todos os sentidos do termo. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, p. 439).

A simbologia da floresta, para Cirlot (2005, p. 257), a complexidade existente na floresta representa o princípio materno e feminino. É o local no qual a vida vegetal se desenvolve em abundância. E para Chevalier e Gheerbrant (2009 p. 257), a floresta representa um verdadeiro templo em estado natural, corresponde ao símbolo de vida, possibilitando

poder, e os benefícios Celestes. Para ambos os autores, a floresta, corresponde ao símbolo da vida e representação do feminino.

O símbolo do mar, conforme apresentado por Cirlot (2005),

Seu sentido simbólico corresponde ao do “oceano inferior”, ao das águas em movimento, agente transitivo e mediador entre o informal (ar, gases) e o formal (terra, sólido) e, analogicamente entre a vida e a morte. O mar, os oceanos, são considerados assim como a fonte da vida e o final da mesma. “Voltar ao mar” é como “retornar à mãe”, morrer. (CIRLOT, 2005, p. 372).

Conforme apresentado por Cirlot (2005, p. 372), o sentido simbólico do mar assemelha-se ao do “oceano inferior”. Desta maneira, o mar e os oceanos são classificados deste modo como a fonte da vida e ao mesmo tempo o final da vida. “Voltar ao mar” é como “retornar a mãe”, morrer.

O símbolo da fonte, segundo Cirlot (2005),

Na imagem do paraíso terreno, quatro rios partem do centro, quer dizer, do mesmo pé da Árvore da Vida, e se separam de acordo com as quatro direções marcadas pelos pontos cardeais. Em consequência, surgem de uma mesma fonte, que se torna simbólica do “centro” e da origem em atividade. Segundo a tradição, esta fonte é a *fons juventutis*, cujas águas podem assimilar-se à “bebida da imortalidade” (*amrita* dos hindus). Por isto considera-se que sua significação (água em surgimento) simboliza a força vital do homem e de todas as substâncias. (CIRLOT, 2005, p. 261).

Para Chevalier e Gheerbrant (2009), a fonte é,

O simbolismo da fonte de *água pura* é expresso principalmente pelo manancial que brota no meio de um jardim\*, ao pé da Árvore da Vida, no centro do Paraíso\* terrestre, e que, depois, se divide em quatro rios, cujas águas correm para as quatro direções do espaço. Essa é, conforme as terminologias, a *fonte da vida*, ou ainda da *imortalidade*, ou da *juventude*, ou ainda, a *fonte do ensinamento*. No constante dizer da tradição, a *fonte da juventude* nasce ao pé de uma árvore. Em virtude de suas águas sempre cambiantes, a fonte simboliza, não a imortalidade, mas sim um perpétuo rejuvenescimento. As bebidas divinas ou sacrificais – ambrosia, soma, hidromel – são todas elas, *fontes de juventude*. Quem beber de sua água, ultrapassa os limites da condição temporal e obtém, portanto, graças a uma juventude sempre renovada, a longevidade; esta, por sua vez, é produzida também pelo *elixir de vida* dos alquimistas. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, p. 444).

A simbologia da fonte, segundo Cirlot (2005, p. 261) simboliza a “bebida da imortalidade”, que corresponde à força vital do homem e de todas as substâncias. É o princípio da vida interior e da energia espiritual. E para Chevalier e Gheerbrant (2009, p. 444-446), a fonte, constitui a boca da água viva ou da água virgem. A água viva que dela corre é como chuva, o sangue divino, o sêmen do céu.

Tanto para Cirlot (2005) quanto para Chevalier e Gheerbrant (2009), a fonte é um símbolo da maternidade, que representa a origem da vida, da força, da graça, e de toda a



felicidade. Desta forma, a simbologia da floresta, do mar e da fonte são elementos simbólicos de representação do feminino.

Na obra em análise, encontramos ainda a simbologia do castelo:

[...] Conforme as instruções da dama da fonte, Raimundim voltou à Fontana da Sede para encontrá-la, ainda infeliz e sortudo. Ao se aproximar, ficou surpreso. Havia lá uma capela de pedra, construção que ele nunca tinha visto, embora já tivesse passando muitas vezes pelo local. Um numeroso séquito de cavaleiros, donzelas, damas e escudeiros o acolheu com respeito, levando-o até a dama, que o esperava numa rica tenda – onde os dois ficaram sozinhos, conversando de mãos dadas. [...] O casal era muito feliz. Logo, tiveram um filho. [...] Melusina, novamente grávida, mandou construir junto à fortaleza a cidade de Lusignan, sólida e muito bem protegida. Depois que o segundo filho nasceu [...] – ela mandou construir um castelo, duas cidades menores e uma abadia. (MACHADO, 2000, s/p).

O símbolo do castelo, para Cirlot (2005),

Trata-se de um símbolo complexo, derivado ao mesmo tempo da casa e do recinto ou cidade murada. Neste último aspecto, cidades amuralhadas aparecem na arte medieval, como símbolo da alma em sua transcendência e da Jerusalém celeste. De modo geral, o castelo acha-se localizado no alto de um monte ou colina, o que acrescenta um importante componente relativo ao simbolismo do nível. Sua forma, aspecto e cor, seu sentido sombrio e luminoso tem grande valor para definir a expressão simbólica que adquire, pois o castelo, em sentido mais geral, é uma força espiritual armada e erigida em vigilância. (CIRLOT, 2005, p. 142).

Para Chevalier e Gheerbrant (2009), o castelo é,

Na vida real, assim como nos contos e nos sonhos, em geral o castelo está situado em lugares altos ou na clareira de uma floresta: é uma construção sólida e de difícil acesso. Dá impressão de segurança (como a casa, geralmente), mas de uma segurança no mais alto grau. É um símbolo de proteção. [...] O que é protegido pelo castelo é a transcendência do espiritual. Julga-se que ele resguarde o poder misterioso e inatingível. Os castelos surgem nas florestas e nas montanhas mágicas (que por si só já têm o peso de uma força sagrada) e desaparecem como por encanto, quando deles se aproximam os cavaleiros e a miragem se esvai. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, p. 199).

A simbologia do castelo, segundo Cirlot (2005, p. 142) é um símbolo complexo por suas derivações, é um símbolo da alma em sua transcendência e da Jerusalém celeste. De modo geral, é uma força espiritual armada e erigida em vigilância. E para Chevalier e Gheerbrant (2009, p. 199), o castelo é um símbolo de proteção, pois o que é protegido pelo castelo é a transcendência do espiritual. Para os autores, o castelo representa proteção, força sagrada, força espiritual armada e erguida em vigilância.

No momento em que o rei sair à procura de água para beber, depara-se com uma mulher com uma beleza que nunca fora vista antes:

Ao se aproximar, ouviu uma voz melodiosa, cantando uma canção comovente. Achou que só podia ser um anjo. Mas, era tão doce, que ele percebeu que deveria ser uma mulher [...] Era a mais bela dama que seus olhos já tinham visto. Ele ficou deslumbrado com tanta beleza e hipnotizado por aquele canto tão doce e melodioso

que jamais uma sereia, fada ou ninfa poderia ter cantado assim. (MACHADO, 2000, s/p).

Voz melodiosa e fonte de águas possuem total ligação uma com a outra, quando as encontramos inseridas em um contexto de seres encantados. Entretanto, não é por acaso que mulheres que possuam a natureza iguais as de Melusina, sua mãe e irmãs, ninfas mágicas e misteriosas, utilizam a voz, de maneira especial e cantada, como um artifício para poder seduzir e persuadir e, em especial, no seu lugar preferido, a fonte, no meio da floresta, espaço de todo conhecido e apreciado por elas.

Melusina quer dizer prodigiosa, que conforme o Dicionário Aurélio Online\*\*\*\* significa “*que tem o caráter de prodígio; extraordinário; espantoso; portentoso; estupendo*”. Nome melhor não lhe conviria. Mulher virtuosa era ela, dona de uma sabedoria incomensurável, indiscutível; de um poder sobrenatural, de uma beleza desmedida, incomparável, inigualável; mulher forte, soberana, misteriosa e conhecedora de tudo.

Sendo a filha mais velha de uma mulher muito sábia e prodigiosa, também muito bela e encantadora. Certa feita, Presina (mãe de Melusina) chama a atenção de um rei que passa próximo a uma fonte, seu lugar predileto, e com sua voz melodiosa e cheia de mistérios, canta comoventemente atraindo cada vez mais o rei ao local.

Melusina, também, tem predileção por fontes, mares e águas em geral, assim como sua mãe. O primeiro contato que teve com Raimundim, na companhia de suas irmãs, foi junto a uma fonte encantada. “[...] À meia-noite, chegou a uma fonte encantada, chamada Fontana da Sede. A lua clara mostrava três damas junto à água, mas Raimundim estava tão abalado que nem as percebeu”. (MACHADO, 2000, s/p). Mas as belas jovens passaram quase que despercebidas por ele, uma vez que estava perturbado com os acontecimentos que há pouco vivenciara. Raimundim havia matado, acidentalmente, o tio (podendo ser visto na figura 2).

Em uma longa caçada a um javali feroz, no meio da floresta, com o conde Aymeri de Poitiers (seu tio) o qual hora previu sua morte, juntamente com todos os acontecimentos que viriam depois dela, entretanto, preferiu silenciar-se perante tamanho mistério, embora tivesse deixado escapar algumas pistas das coisas que estavam para acontecer.

---

\*\*\*\* In: site <<https://dicionariodoaurelio.com/prodigiosa>> Acesso em: 30/05/2018.



**Figura 2** - Raimundim mata acidentalmente seu tio

**Fonte:** Rui de Oliveira

Apenas depois que o fato havia se consumado, foi que Raimundim compreendeu as previsões de seu tio, e em seguida fugiu desesperado do local do acidente. Quando se aproximou de uma fonte encantada, não percebeu a presença das três damas que estavam no local, Melusina e suas duas irmãs.



**Figura 3** - Encontro de Raimundim com Melusina, após ter assassinado seu tio acidentalmente.

**Fonte:** Rui de Oliveira

Na ocasião em que se deu o encontro entre Melusina e Raimundim (podendo ser visto na imagem acima), e ambos tiveram sua primeira conversa junto à fonte encantada chamada Fontana da Sede, onde ela o surpreendeu:

[...] — Sei quem você é e sei de tudo o que aconteceu.... [...] — Depois de Deus, eu sou quem melhor pode ajuda-lo. Sei de tudo, já disse. Sei que você matou seu senhor por engano, sem ter a menor intenção. E conheço todas as palavras que ele dissera pouco antes, com o conhecimento que tinha nos astros. Você não tem culpa, estava escrito nas estrelas. Deixe-me ajuda-lo. [...] — Saiba que participo do mundo de Deus — garantiu ela. — E saiba também que, sem mim, você não sairá bem dessa



aventura. Mas, se me ouvir, acontecerá tudo o que seu senhor previu. Raimundim pensou um pouco, lembrou de tudo o que o conde dissera e concordou em seguir os conselhos da dama. (MACHADO, 2000, s/p).

Posteriormente, Melusina volta a surpreender Raimundim:

— Desejo que me faça uma promessa, com uma condição. — O que é? — Prometa que se casa comigo. — Caso. E a condição? — Jura cumpri-la? — Se não for nenhuma má ação... — Não, não é. Quero que jure por sua honra que nunca vai querer me ver aos sábados, nem querer saber onde estou nem o que faço. E, de minha parte, juro pela salvação da minha alma que jamais farei algo que não seja para honrá-lo, mesmo nesse dia em que ninguém me verá. Será um dia que dedicarei sempre a refletir sobre como poderei cobri-lo de mais honrarias e glórias. [...] O marido. (MACHADO, 2000, s/p).

Ambos casam-se repentinamente e deixam todos curiosos e loucos para saber a origem de tamanha glória e poder, além de almejarem informações sobre a noiva tão bela, rica e desconhecida de todos. Levando toda a corte a cobiçar tomar conhecimento da origem de tamanha grandeza, e o motivo de tanto segredo.



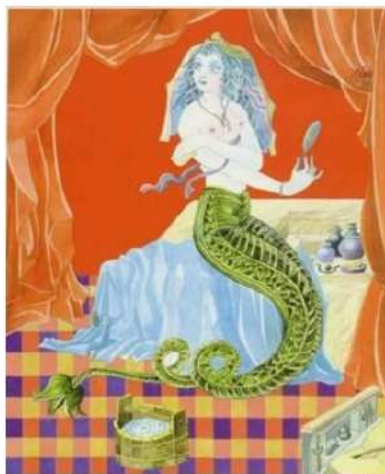
**Figura 4** - Casamento de Raimundim e Melusina.  
Fonte: Rui de Oliveira

Melusina, diariamente, tece o destino do marido, dos filhos e dos moradores dos arredores. Fazendo utilização de suas magias e poderosos sortilégios, ela fia, tece, veste e reveste tudo. É a Grande Tecedora do Destino, igualmente, bem como as Fiandeiras são descritas por Brunel (2005),

Como as primeiras figuras com caráter divino, que alimentam na humanidade a inesgotável compreensão do desenrolar de toda existência, a protagonista desta história também assegura a bem aventurança dos dias de todos aqueles que estão à sua volta, garantindo-lhes abundâncias sem fim e assegurando-lhes acerca do presente e do futuro. (BRUNEL, 2005, p. 370).

Certo dia, Raimundim deixa-se levar pela desconfiança que fora originadas pelas calúnias e difamações levantadas por seu irmão contra Melusina, acusando-a de tranca-se em seus aposentos entregando-se a orgias sem fim, consagrando-se a espíritos malignos e dedicando-se a rituais demoníacos todo sábado, por ser um espírito encantado que necessitava fazer penitências. Raimundim, enlouquecido pela raiva, resolve descobrir a verdade, usando sua espada, faz um pequeno buraco na porta do quarto e, finalmente, consegue ver o que se passa lá dentro:

Viu Melusina tomando banho, numa grande piscina de mármore, com degraus que desciam até o fundo. E viu que, da cintura para cima, era uma mulher, sua esposa querida. Mas do umbigo para baixo, o que havia era uma enorme cauda de serpente, da grossura de um tonel, que se batia e esparramava água até a cúpula da sala. (MACHADO, 2000, s/p).



**Figura 5** - Raimundim, quebrando o acordo (promessa) de não ver a amada aos sábados.

**Fonte:** Rui de Oliveira

Buscando ocultar seu segredo, Melusina passa a camuflar seu mistério, e por um longo tempo consegue recolhendo-se em seus aposentos secretos. Refugia-se em seu quarto, no seu canto, no seu ninho. Encontrando tranquilidade e segurança, para então poder desfrutar de sua condição animal. No entanto logo é denunciada por sua cauda.

Após o evento que culmina com a descoberta do segredo de Melusina, Raimundim, ao perceber que quebrou a única exigência de sua amada, arrepende-se de ter traído a confiança de sua esposa, e Melusina, conhecedora de tudo, constatou que o esposo estava realmente muito arrependido de seu ato.



**Figura 6** – Raimundim arrepende-se de ter quebrado sua promessa e desconfiado de sua amada.  
**Fonte:** Rui de Oliveira

E como seu amado não contou o que viu para ninguém, eis que então Melusina resolve ficar e passa a fingir que não sabe de nada, continuando a viver naturalmente como antes. Ambos permanecem vivendo muito felizes.



**Figura 7** – Melusina perdoa seu esposo, e resolve fingir que nada aconteceu.  
**Fonte:** Rui de Oliveira

Melusina já era mãe, e a felicidade crescia entre eles ainda mais:

O casal era muito feliz. Logo tiveram um filho [...] Depois que o segundo filho nasceu e Raimundim voltou – agora já sendo chamado de Raimundo – ela mandou construir um castelo, duas cidades menores e uma abadia. E assim os anos foram se passando. Eles tiveram oito filhos. (MACHADO, 2000, s/p).

Posteriormente, seu sexto filho, o temido Godofredo Grande Dente, descobre que seu irmão Fromonte, havia se tornado padre e passou a viver em um mosteiro. Não aceitando tal posição do irmão, resolve ir ao seu encontro para matá-lo, caso ele não abdique imediatamente. Como Fromonte recusa-se a obedecer às ordenanças do irmão, acaba sendo assassinado de uma forma cruel e desmedido, por seu irmão o temido guerreiro sanguinário.





**Figura 8** – Gonofredo corta a cabeça de seu irmão Fromonte.

**Foto:** Rui de Oliveira

Após essa grande tragédia que resultou na morte do filho e os monges, a raiva de Raimundo voltou-se completamente para Melusina. Esquecendo-se de sua promessa que fora feita à sua amada, grita com muita ira para toda corte ouvir:

– Ah, mulher maldita, serpente infame! Só mesmo alguém nascido de um ventre do demônio seria capaz de tanta crueldade como essa de Godofredo! Só mesmo um ser diabólico e maléfico como você poderia gerar um monstro como esse, capaz de destruir um irmão tão bondoso como Fromonte, que mamou o mesmo leite doce, do mesmo peito angelical, tão carregado de amor (MACHADO, 2000, s/p).

Ao mesmo tempo em que levanta calúnias terríveis contra a esposa, acusando-a de mulher maldita, serpente infame e demoníaca, Raimundo recorda-se de que essa mesma mulher sempre foi carinhosa com ele e os filhos. Melusina, ainda que uma boa cristã, esposa honrada e mãe dedicada, exibindo traços bastante intrigantes e controversos: sua metamorfose está vinculada ao simbolismo ambivalente da Serpente.

Após ter sido difamada e caluniada por seu esposo, Melusina sente-se humilhada. Percebe então que Raimundo havia passado de todos os limites e que, dessa vez, não teria como fingir que nada aconteceu e/ou contornar a situação. Agora só restava-lhe seguir o que já estava pré-determinado, deixando tudo e todos para trás, passando a viver sua vida apenas em função de si mesma:

Horrorizada com o que ouvia, Melusina desmaiou e ficou estendida no chão, como morta. Raimundo, caindo em si, se arrependeu do que dissera, mas era tarde demais. Correu para abraçá-la e ficou dizendo palavras de carinho à sua dama que, ao abrir os olhos, também o abraçou, chorando. (MACHADO, 2000, s/p).

Vivenciando o que mais temia: a revelação de seu segredo e, sobretudo, a desconfiância e as acusações de seu esposo, diante de tamanho constrangimento, restava-lhe

apenas fugir de tudo e de todos. Embora, Melusina mostre-se corajosa ao encarar aquele momento desastroso, determinada salta pela janela e desaparece para sempre, como podemos ver na figura abaixo:



**Figura 9** – Melusina sai voando em sua forma de serpente alada.

**Fonte:** Rui de Oliveira

Mas, antes de partir e sair voando pela janela, despediu-se de todos com um belo e emocionante discurso:

– Adeus, meu doce país, que me deu tanta alegria e prazer! Adeus, terra onde eu poderia ser tão feliz ainda por tanto tempo, se Deus não houvesse desejado que eu fosse tão horrivelmente traída... E se, a partir de agora, todos aqueles que me receberam e acolheram não passassem a fugir de mim... E para que meu sofrimento tenha fim um dia, peço a todos que rezem por mim, por Melusina, filha do rei Elinás da Escócia, dama dos mil prodígios, mulher que muito amou e sofreu... Com um suspiro fundo, saltou pela janela. Imediatamente criou asas e saiu voando. Sob a forma de uma serpente alada, com mais de cinco metros de comprimento, sobrevoou os campos a que dera fartura, as cidades e os castelos que construíra, os rebanhos que lhe deviam a fecundidade. Camponeses e aldeões a viram passar, cantando e gemendo com voz de mulher, lançando sombra de serpente. Cada vez mais alto, pelos ares. Até desaparecer para sempre. (MACHADO, 2000, s/p).

Melusina, a Mulher/Serpente, é uma admirável mulher fadada de poderes sobrenaturais, que ao longo de sua existência sempre agiu sabiamente, orientando todos que estavam à sua volta para que seguissem seus conselhos e recomendações, a fim de que fossem sempre prósperos na vida. A grande Mãe provedora de todas as coisas é obrigada a fugir para poder cumprir o seu destino profético, como se houvesse desempenhado sabiamente sua “missão” na terra junto aos seus, deixando tudo encaminhado, podendo então partir sossegada, pois havia dado o melhor de si para fazer prosperar àqueles a quem tanto amava.



## 5 CONSIDERAÇÕES NÃO FINAIS

Neste trabalho de conclusão de curso (TCC), foi realizada uma análise bibliográfica da simbologia presente na obra *Melusina: dama dos mil prodígios* (2000), da autora brasileira Ana Maria Machado. A abordagem realizada parte de uma reflexão acerca do comportamento da personagem em sua saga pela busca de sua humanidade, através do imaginário simbólico e arquetípico presentes na obra pesquisada. Deste modo, a pesquisa intitulada *Uma dama e mil prodígios: a simbologia de Melusina no imaginário medieval*, evidenciou o estudo realizado com embasamento no perfil transgressor da personagem estudada, levantando, para isso, características da dama/serpente e da realidade cultural marcada na obra em questão.

A pertinência e a relevância da pesquisa estão presentes em sua categoria temática, por ser de suma importância para podermos compreender o comportamento da personagem analisada, que apesar de ser uma fiadeira do destino e prodigiosa, luta incansavelmente alcançar sua humanidade, findando assim com o encantamento que fora lançado por sua mãe após ela juntamente com suas irmãs terem aprisionado o pai.

Consideramos os procedimentos narrativos, assim como a instituição do foco narrativo, de maneira especial, na categoria analítica da personagem e, além do mais, no espaço da linguagem, são aspectos bem cuidados pela escritora em sua narrativa. Essas noções agem de forma a tornarem sua narrativa envolvente e sedutora. Em síntese, ela faz uso de procedimentos estilísticos que fazem com que a linguagem torne-se fluída e, ao mesmo tempo, utilizando recursos narrativo-visuais que por sua vez proporcionam um aumento no imaginário coletivo de seus leitores.

Analisamos, ainda, que na narrativa de Ana Maria Machado, Melusina não representa o autêntico estereótipo do feminino a todo o momento assume o papel de passividade aos desejos do masculino, sendo sempre dominada pelo homem. Pelo contrário, é ela quem manda e direciona tudo, além do mais, interfere nas decisões de seu esposo, convencendo-o de que se ele sempre ouvi-la permanecerá saindo-se bem nas diversas situações.

O poder feminino é expresso de forma significativa na narrativa através de Melusina, assim como nota-se o papel de submisso que Raimundim desempenha após conhecer sua amada. Melusina passa a cobrir seu esposo com diversos benefícios, o mesmo por sua vez passa a retribuir sempre com amor, dedicação e obediência. Frequentemente, o que acontece é exatamente o inverso, a figura do homem é sempre vista como “superioridade”, que diariamente oprime a figura feminina, veiculando a velha questão da exploração e da

desvalorização do feminino; de modo em que a mulher passa a ser tratada como instrumento de manipulação que sempre está disponível para agradar ao mais refinado gosto masculino.

Nessa história, a figura masculina não realiza grandes feitos, mas sim a figura feminina, é um ser de caráter feminino que manipula a vida de todas as pessoas, através de seus feitiços, encantamentos e sortilégios. Outro aspecto que deve ser considerado nessa narrativa, refere-se às características do feminino os quais são conservados através do imaginário coletivo: a criatividade, a dedicação, a esperança, a habilidade, a paciência, a perseverança, a sensibilidade e a capacidade para amar sem medida de tempo e espaço.

Trabalhando com seus feitiços, Melusina, apresentando-nos o seu lado animal e sombrio de serpente, no entanto mantem preservadas suas características essenciais à sua feminilidade. Melusina amou muito seu marido, passou a viver e sofrer por causa dele, fazendo de tudo para trazer grandes alegrias aos seus dias; aos dias e as horas que anteciparam a vinda de uma grande tragédia que desestabilizaria toda família. E, conseqüentemente, nada mais poderia ser como da mesma forma, logo o casal não poderiam permanecer juntos.

Apresentando uma estabilidade familiar, Melusina desfruta de diversos bens materiais: casas e palácios majestosos, ouro e prata e muitas riquezas, tudo fruto de seus prodígios. A sensibilidade feminina permitia que Melusina sentir-se e perceber-se tudo o que estava em sua volta. Compreendendo o que teria que fazer e como fazer para agradar e ser amada por todos. O comportamento inerente de Melusina revela, pois, condições que transmitem poder suficiente à mulher possibilitando a ela decidir o futuro de um homem e de muitas outras pessoas.

Melusina tão-somente decide, ordena e executa, e os demais somente a obedecem bem como sabem que é a melhor coisa a ser feita. No entanto, não se percebe nenhuma imposição por parte da personagem. Sempre existe um diálogo com seu marido e em seguida, ela faz as recomendações. Porém, nesse casamento todas as decisões são realizadas pela figura feminina, restando à figura masculina apenas a obediência e submissão.

Portanto, argumentamos, na obra de Ana Maria Machado, uma narrativa que demonstrou que a personagem foi uma esposa e mãe cuidadosa, amando incondicionalmente seu esposo e seus filhos. Sempre utilizando seus “poderes” para garantir a prosperidade de sua toda família. Melusina é um ser de figura feminina que possui uma vasta experiência e vivência, que sabiamente contorna qualquer situação.

Destacamos, ainda, que em nosso cotidiano que mulheres que possuem determinada autoridade em seu convívio social podem ser comparadas à Melusina. Pelo fato de que sempre

que opinam, são ouvidas, respeitadas e admiradas por todos, até mesmo pelos homens, por serem mulheres inteligentes, ótimas conselheiras, e por sempre buscarem formas de garantir a estabilidade de seus familiares. As mulheres contemporâneas estão sobressaindo profissionalmente e intelectualmente, possibilitando alcançarem posições de destaque antes nunca obtidas.

## REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. *A serpente*. In: \_\_\_\_\_. **A terra e os devaneios do repouso: ensaios sobre as imagens da intimidade**. Coleção capítulos. Trad. Paulo Neves. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. Cap. VII. p. 201-222.
- BRUNEL, Pierre (org.). **Dicionário de mitos literários**. Trad. Carlos Sussekinget. al. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)**. Trad. Vera da Costa e Silva et al. 24. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.
- CIRLOT, Jean-Eduardo. **Dicionário de símbolos**. São Paulo: Centauro, 2005.
- COELHO, Nelly Novaes. **O conto de Fadas**. Série Princípios. 3. ed. São Paulo: Editora Ática, 1998.
- CORDOSO, Rosane. *O feminino na narrativa de tradição oral e no conto de fadas como gênero*. In: AGUIAR, Vera Teixeira de; MARTHA, Alice Áurea Penteadó (Orgs). **Territórios da Leitura: da literatura aos leitores**. São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis, SP: ANEP, 2006.
- DICIONÁRIO AURÉLIO ONLINE. Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com>>. Acesso em: 31 maio 2018.
- JUNG, Carl Gustav. *Chegando ao inconsciente*. In: \_\_\_\_\_. **O homem e seus símbolos**. edição especial brasileira. 6. ed. 1993: Editora Nova Fronteira.
- \_\_\_\_\_. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Trad. Maria Luiza Appy e Dora Marina R. Ferreira da Silva. Petrópolis: Vozes, 2000.
- LAJOLO, Marisa. **Ana Maria Machado: seleção de textos, notas, estudos biográfico, histórico e crítico e exercícios**. São Paulo. Abril Educação, 1983.
- LAPLANTINE, François; TRINDADE, Liana. **O que é Imaginário**. São Paulo: Brasiliense, 1997. – Coleção primeiros passos, n. 30.
- Le GOFF, Jacques. **O imaginário medieval**. Lisboa: Estampa, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Melusina*. In: \_\_\_\_\_. **Heróis e maravilhas da Idade Média** / tradução de Stephania Matousek. 2. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. Cap. 11. p. 152-161.
- \_\_\_\_\_. *Melusina maternal e decifradora*. In: \_\_\_\_\_. **Para uma outra Idade Média: tempo, trabalho e cultura no Ocidente; 18 ensaios** / tradução de Thiago de Abreu e Lima Florêncio e Noéli Correia de Melo Sobrinho. 2. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. Cap. 16. p. 392-422.

MACHADO, Ana Maria. **Essa força estranha** – trajetória de uma autora. São Paulo: Atual, 1996.

\_\_\_\_\_. **Melusina dama dos mil prodígios**. São Paulo: Ática, 2000.

\_\_\_\_\_. **Texturas** – sobre leituras e escritos. São Paulo: Nova Fronteira, 2001.

\_\_\_\_\_. **Silenciosa Algazarra**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2011.

MICHELLI, Regina Silva. **Entre sendas e fendas, histórias à roda de Melusina:** perspectivas do feminino sob a ótica do maravilhoso. Anais do SILEL. Volume 1. Uberlândia: EDUFU, 2009, p. 01-07.

RIBEIRO, Maria Goretti. **Imaginário da Serpente de A a Z**. [livro eletrônico]. Campina Grande: EDUEPB, 2017.

URBAN, Paulo. **O simbolismo da Serpente**. In: Revista Planeta, edição nº 341, fevereiro 2010.